

DAHMER, Rosani Lidia; NASCIMENTO, Rosemy da Silva. Práticas de docência da geografia escolar e ações ambientais pedagógicas na educação básica. In: ENCONSTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

PRÁTICAS DE DOCÊNCIA DA GEOGRAFIA ESCOLAR E AÇÕES AMBIENTAIS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Prof.^a MSc Rosani Lidia Dahmer
Programa de Pós-Graduação em Geografia, CFH-UFSC
Professora da Educação Básica da rede pública estadual de Santa Catarina.
rosanilf@mail.com

Prof.^a Dr.^a Rosemy da Silva Nascimento
Programa de Pós-Graduação em Geografia, CFH-UFSC
rosemy.nascimento@gmail.com

INTRODUÇÃO

As práticas de docência na geografia escolar nos últimos anos tem sido objeto de pesquisa, pois através destas, busca-se contribuir para com a educação e com a própria geografia. O conteúdo trabalhado na geografia escolar para se chegar à construção de conceitos sugere-se que seja contextualizado, e, de acordo com concepções de aprendizagem ativas, contribuindo para o desenvolvimento humano.

O presente artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa realizada pela autora principal, cujo título é: “Ações pedagógicas e questões ambientais nas escolas de Educação Básica da rede pública estadual, no município de Blumenau, SC.”, a qual foi orientada pela professora Dr.^a Rosemy da Silva Nascimento. A pesquisa, concluída em 2014, é requisito parcial, para obtenção do título de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, área, Utilização e Conservação de Recursos Naturais, linha de pesquisa Geografia em Processos Educativos.

O recorte para o presente artigo diz respeito à Educação Geográfica e prática de docência da geografia escolar relacionadas com a temática ambiental. Têm-se como objetivos: a) Identificar as disciplinas que mais trabalham as questões ambientais; b) Refletir sobre as ações ambientais pedagógicas desenvolvidas no coletivo escolar e a geografia escolar; c) Discorrer sobre a formação inicial dos professores que trabalham a geografia escolar.

Reflexões sobre a escola, prática docente, e o tema meio ambiente constituem o referencial teórico. Dentre os resultados da pesquisa, escolheu-se apresentar neste documento seção referente às disciplinas que mais trabalham o tema meio ambiente e contribuem nas ações ambientais pedagógicas desenvolvidas no coletivo escolar, e a

contribuição da geografia escolar, e, finalizando, resultados sobre a formação inicial dos professores participantes da pesquisa que trabalham a disciplina.

Na tentativa de superar a visão compartimentada, fragmentada e disciplinar da realidade, sobre a qual a escola historicamente se construiu, tem-se dentre as proposições inovadoras para a educação brasileira e da geografia escolar, desde a década de 90, os Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas transversais. Estes se apresentam como alternativa para trabalhar o tema meio ambiente e outros temas de urgência social, através da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. (PCN, 1998; 1997).

A transversalidade, diz respeito à questão didática, ou seja, à possibilidade de estabelecer na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na realidade e da realidade) sem um domínio de uma ou outra disciplina. A perspectiva transversal aponta uma transformação da prática pedagógica, pois rompe o confinamento da atuação dos professores à estrutura formalizada, abarcando as relações entre todos os segmentos da escola. A interdisciplinaridade busca superar a segmentação entre os diferentes campos do conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em consideração a inter-relação e a influência entre eles.

Pontuschka (2009) reitera a importância de uma prática pedagógica pautada na ação e na participação do aluno, o que muitas vezes lhe é negado. Nem sempre há correspondência entre as concepções de aprendizagem ativas e interacionistas o que realmente ocorre em sala de aula, Uma prática docente de forma consciente e objetiva contribuirá para enfrentamento de desafios inerentes à mesma. Dentre estes desafios enfrentados no processo de ensino-aprendizagem está a necessidade de conciliar a apropriação do conhecimento, desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento das relações interpessoais.

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa foi exploratória, pois, segundo Bastos (2009), a pesquisa exploratória, como início de trabalho científico, permite ampliar o número de informações sobre a temática de pesquisa. Assim realizou-se diagnóstico junto aos coordenadores ou responsáveis pedagógicos das escolas, e professores de Geografia do município de Blumenau, SC. Pesquisaram-se ações pedagógicas desenvolvidas nas escolas

em relação ao tema meio ambiente e, quais as disciplinas escolares que trabalham o tema e contribuem para a implantação e implementação dessas ações.

O recorte espacial para a aplicação da pesquisa foram escolas da Educação Básica da rede estadual de educação do Estado de Santa Catarina, localizadas no município de Blumenau, SC, das quais 21 escolas, com diferentes modalidades de ensino, participaram da pesquisa. Foram elaborados roteiros para entrevistas dirigidas, e para sua realização a pesquisadora visitou e entrou em contato com as escolas. No primeiro contato, era feita apresentação da pesquisadora e da pesquisa aos diretores e/ou coordenadores pedagógicos e, quando possível, aos professores de Geografia. No entanto, optou-se pela aplicação de questionários. Um, direcionado aos coordenadores e/ou diretores pedagógicos, para obtenção de informações sobre as ações e/ou atividades do currículo geral da escola contemplando a transversalidade do tema meio ambiente, e outro, para os professores de geografia questionando sobre a prática docente da sala de aula com inserção das questões ambientais. Complementando a coleta de dados, visitou-se e amostras de trabalhos escolares (culturais e científicas), observando-se trabalhos apresentados, realizadas por algumas escolas no período em que ocorreu a coleta de dados, além de analisar relatórios dos projetos realizados no decorrer do ano letivo e imagens destes, publicadas nas páginas de redes sociais e *blogs*.

Na etapa de coleta de dados, buscou-se conversar com os professores de Geografia, oferecendo-lhes a possibilidade de participarem da pesquisa respondendo ao questionário direcionado aos mesmos, indagando sobre a contribuição da disciplina da geografia escolar para com as ações ambientais pedagógicas desenvolvidas no coletivo do cotidiano escolar, perspectivas em relação à prática docente e questões ambientais. Um grupo de 21 professores responderam os questionários.

A ESCOLA E A TRIÁDE PEDAGÓGICA: PROFESSORES – ALUNOS – GEOGRAFIA ESCOLAR

Poetas otimistas, utilizando-se de metáforas, descreveriam a escola como o espaço de vida, de movimentos, pulsações, desafios, de superação e esperança. Outros, talvez, descrevê-la-iam com menos entusiasmo. O fato é que a escola existe e muitos já passaram por ela, outros tantos nela estão e as gerações futuras provavelmente também irão conhecê-la. Os professores fizeram dela seu local de trabalho, pesquisadores, seu objeto de pesquisa

e o conjunto de alunos faz dela um espaço de desenvolvimento individual, manifestação de suas individualidades e, assim, as incursões sociais vão sendo ampliadas e se tornando cada vez mais abrangentes no decorrer do processo de escolarização. A presente reflexão limita-se, de forma resumida, a discorrer sobre a escola como local de interação de alunos e professores que, em suas convivências cotidianas, desenvolvem atividades curriculares próprias dos processos de ensino e aprendizagem, cujos focos nesta pesquisa são as ações pedagógicas e questões ambientais no coletivo escolar, e a geografia escolar.

A escola é o espaço formal, regulamentado, estruturado, institucionalizado, onde diariamente se encontram gestores, professores e diversos alunos. O amálgama que mantém a coesão entre esses atores sociais é o conhecimento. Resumidamente, o papel central das escolas relaciona-se com o ensinar e o aprender. No país, são milhões de sujeitos imersos no processo de escolarização em contextos escolares diversos, tanto por força de lei, como por direito social (além da promessa de promoção e de sucesso profissional, dentre outros fatores).

O ensinar e o aprender, aparentemente, podem demonstrar tarefas simples, porém de complexa efetivação. Aprender é um ato individual ora imediato ora lento, uma busca constante, pode, por vezes, ser um processo doloroso. O ensinar não depende somente das pessoas envolvidas diretamente no processo, que são os professores e os alunos. Todas as atividades realizadas no contexto escolar e, especificamente, os trabalhos realizados em sala de aula na disciplina de Geografia, e em qualquer outra, estão inseridos num projeto pedagógico, que, por sua vez, molda-se e atende aos trâmites legais e curriculares de um contexto amplo: o sistema de educação do país. Essa institucionalização reflete a organização e o pensamento de uma determinada cultura no espaço-tempo.

A importância atribuída pelos adultos à escola e à geografia escolar em suas vidas, está, geralmente relacionada à forma de interação entre teoria e prática vivenciada nas atividades, ações pedagógicas e abordagem dos conteúdos durante sua escolarização. Sendo assim, os alunos anseiam por maior participação, por atividades em que possam desempenhar um papel mais ativo, tornando-se atores e autores de sua aprendizagem. A Geografia, neste sentido, possui uma série de vantagens, uma vez que, ao estudar o espaço geográfico e suas categorias, pode utilizar de metodologias que aproximem os alunos do objeto de estudo, do meio, do espaço vivido, através da observação, estudo e análise das

paisagens, por meio de diferentes práticas, entre elas as viagens de estudo e saídas de campo.

PRÁTICA DOCENTE DA GEOGRAFIA ESCOLAR

A construção pedagógica do conhecimento geográfico, por muito tempo, esteve e ainda está centrada no discurso oral de aulas expositivas ou em leitura de textos dos livros didáticos. Com a incorporação dos recursos midiáticos no fazer pedagógico, pouca coisa mudou, do quadro negro passou-se para o quadro branco ou para a lousa digital, utilizando os recursos da internet, entretanto, o professor e seu conhecimento acadêmico continuam no centro do processo. Este fato é acentuado pela prática da memorização, que leva ao esvaziamento da construção de significados, provocando a falta de interesse dos alunos pelo estudo da Geografia. (CAVALCANTI, 1998).

Um dos desafios de todo professor ao concluir a formação acadêmica é a articulação entre o conhecimento adquirido na graduação e as necessidades de ensino e aprendizagem dos alunos da Educação Básica. Segundo Martins (2013), é preciso destacar que a construção dos saberes da docência acontece num processo dinâmico e a aprendizagem da docência não se dá num vazio teórico, precisa estar sustentada por referenciais que possibilitem a compreensão da teoria versus prática, a que acontece porque não é toda teoria que é científica. A complexidade do trabalho docente, permeado pela heterogeneidade, por situações conflituosas, preocupações com a aprendizagem dos alunos, precárias condições dos recursos físicos e materiais, dificulta o trabalho da maioria dos docentes e revela um descompasso entre a formação inicial e a realidade encontrada nas escolas.

Durante a formação docente do professor de Geografia, o desafio que se apresenta envolve um trabalho qualificado que consiste em transformar o conhecimento científico, adquirido na universidade, num conteúdo significativo para os alunos. A dificuldade desta transposição didática do conhecimento científico e acadêmico para o cotidiano escolar é um dos gargalos da educação. Alguns acadêmicos apresentam limitações referentes ao conhecimento do conteúdo geográfico, que podem estar relacionadas à compreensão conceitual dos temas, atribuída tangencialmente a lacunas na formação dos mesmos. Esta deficiência refletirá nas práticas de docência, pois conforme Martins (2013),

O domínio qualificado do conteúdo pelo professor de geografia permite-lhe a compreensão lógica interna dos diferentes conteúdos, conceitos e pré-requisitos da ciência geográfica, superando a ideia de que as aulas de geografia são espaços de informação sobre países, rios, vegetação, clima etc., para, efetivamente, levar os alunos a desenvolver o raciocínio geográfico que lhes possibilita o entendimento das inter-relações espaciais em constante transformação. (MARTINS, 2013, p.161).

A formação profissional deve ser contínua, exigindo constante atualização. Nesse processo de profissionalidade, de apropriação de conhecimentos, competências e habilidades didático-pedagógicas e metodológicas sobre como transpor conhecimentos para a sala de aula são vivenciadas e experimentadas metodologias de ensino que buscam contribuir para a prática docente diferenciada. Sendo o ensino escolar um processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor, ensinar é uma intervenção intencional, própria do ato docente, que diz respeito à articulação de determinados objetivos, conteúdos e metodologia que levem em conta as condições concretas em que ocorre o ensino e seus diferentes momentos: planejamento, realização e avaliação (CAVALCANTI, 1998).

Assim, a tarefa de ensinar, papel desempenhado pelos professores, em específico na disciplina de geografia escolar, tem exigido um conjunto de conhecimentos que não se limitam aos próprios da disciplina de Geografia. Os professores possuem saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles no âmbito de suas tarefas cotidianas, ou seja, os professores, em suas práticas docentes, são sujeitos que possuem, utilizam e produzem saberes específicos de seu ofício e de sua disciplina. São eles os principais atores e mediadores entre o conhecimento científico culturalmente acumulado e os saberes escolares (conteúdos) trabalhados em sala de aula, resultado da transposição didática inerente às mesmas. Para compreender a natureza do ensino, é necessário levar em conta a subjetividade e os diferentes saberes dos professores. Cada professor é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber fazer proveniente de sua própria atividade (TARDIF, 2011).

Ser professor, na contemporaneidade, é desafiador. José Carlos Morgado (2011), ao escrever sobre competência profissional, identidade profissional e profissionalidade docente, explica que os problemas da profissão docente são específicos e complexos. A

profissão docente, exercida em condições desfavoráveis em relação à autonomia, valorização profissional e social, está em declínio e tem sofrido transformações, as quais exigem repensar a adequação da formação de nível superior e formações continuadas. O autor explica as diferenças entre profissionalização e profissionalidade. A primeira, como sendo a graduação ou apropriação de cultura profissional, através dos cursos de licenciaturas, ocorre em determinado momento culminando com a habilitação; a segunda, como a construção lenta e contínua da pessoa em profissional com competências profissionais específicas, complexas e variadas. O trabalho do professor deve ser considerado como um espaço prático específico, de produção, de transformação e de mobilização de saberes.

A prática docente, diante das classes de alunos que começam cada ano letivo, articula objetivos, conteúdos, método e metodologias que levam em conta as condições concretas em que ocorre o ensino e seus diferentes momentos: planejamento, realização e avaliação. A tarefa de intervenção é do professor e consiste em planejar, propor, dirigir, orientar, mediar atividades curriculares tendo conhecimento das concepções de aprendizagem, considerando a diversidade de seus alunos e diante de uma avaliação como processo, propondo formas diversificadas para acompanhar a apropriação de conceitos e conhecimentos pelos alunos.

QUESTÕES AMBIENTAIS E A CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Desde a sua reestruturação em meados do século XX, e com advento da geografia crítica, humanística, cultural, ou geografias “múltiplas”, ou ainda como afirma Lana de Souza Cavalcanti (2008, p. 18), “uma ciência mais plural”, reafirma-se o espaço como foco de análise como uma dimensão da realidade, e não a própria realidade, por sua vez complexa e interdisciplinar por si mesma. As perspectivas de análise geográfica, fundamentadas na fenomenologia, na dialética, análise sistêmica, hermenêutica, têm ênfase no humano, valorizam a cultura e a subjetividade, contribuem para a compreensão da espacialidade atual.

No caso particular da Geografia como ciência, o que se observa é uma estreita vinculação entre ela e o trato do ambiente e, por conseguinte, da problemática ambiental, sendo esta uma das mais explícitas características da geografia contemporânea. Nas palavras de Mendonça (2001, p. 115) e parafraseando Moraes (1994 p.88), “a geografia é uma ciência multi e interdisciplinar, e ao mesmo tempo um dos últimos *lócus* do naturalismo das ciências humanas”. Observa-se uma lenta transformação da conotação dos termos ambiente e ambientalismo, e das concepções naturalista e científica (clássica e tecnicista), marcada pelo positivismo, dirigindo-se para uma concepção social e cultural, incluindo a sociedade como agente/fator do mesmo. Dessa forma, inserir na abordagem ambiental a perspectiva humana – portanto social, econômica, política e cultural – parece ser um desafio para toda uma geração de intelectuais, cientistas e ambientalistas que se encontra vinculada a tais discussões no presente, certamente também no futuro próximo. No entanto, é necessário ter cautela e discernimento, pois nem tudo que é ambiental, é geográfico e vice-versa (MENDONÇA, 2001).

Apesar da tentativa de superação da fragmentação do conhecimento científico, a geografia ciência continua com suas especificidades e objeto de estudo próprio, o espaço e suas categorias de análise, bem como fundamentações e metodológicas próprias, enquanto o estudo do meio ambiente necessita de visão multi, inter e transdisciplinar para compreensão holística das interações físicas, químicas, biológicas, políticas e culturais entre meio ambiente e sociedade.

Por outro lado, toda a produção emanada da Geografia tem sido útil para a abordagem de estudos ambientais, afinal, uma das dimensões da problemática ambiental é sua manifestação espacial. Os elementos da natureza não devem ser reduzidos somente a recursos, pois antes de assim transformados, constituem-se em bens e elementos naturais que possuem dinâmica própria e que independem de sua apropriação social; como tal, desempenham papel fundamental na estruturação do espaço geográfico. A vertente ambiental da Geografia e a necessária abertura metodológica que ela encerra não deveriam ser pensadas como predominantes na Geografia, mas apenas como uma possibilidade a mais para reflexão dos geógrafos sobre o mundo (MENDONÇA, 2001).

A abordagem da problemática ambiental tem de ser levada a cabo com profundidade e na dimensão da interação sociedade-natureza, pois grande parte das

discussões que emergem na contemporaneidade remete à sensibilização dos riscos ambientais exigindo a contribuição das demais ciências. Ela se configura pela característica de complexidade, multi e interdisciplinaridade e da perspectiva holística na concepção da interação, estabelecida entre a sociedade e a natureza, como um campo profícuo ao exercício do ecletismo metodológico, o que é, por sua vez, problemático. Contudo, a crise ambiental contemporânea – crise de civilização, crise da razão e crise histórica –, nas palavras de Mendonça (2001), está a demandar de toda a sociedade, e da ciência em particular, uma reflexão profunda acerca de sua trajetória. Neste contexto, a sociedade precisa estar aberta, ser criativa e ousada o suficiente para propor alterações e criar possibilidades para novas propostas, como a geografia socioambiental defendida por Mendonça (2001; 2010), vertente inserida na PC/SC (1998).

A temática ambiental é complexa e seu tratamento e intervenção dificultada pela falta de teoria e metodologia. Tal complexidade abarca a maneira de como se explica e estuda o meio ambiente (MENDONÇA, 2010). Apoiado nas ideias do sociólogo Herbert de Souza, o autor aponta que a compreensão atual da referida temática deve ser baseada nas disparidades socioeconômicas que caracterizam principalmente os países em desenvolvimento, com a seguinte reflexão: se o homem é parte do meio ambiente, como se explica que milhões de seres humanos vivem em condições degradadas, abaixo da linha de pobreza, com sua sobrevivência em risco?

Mendonça (2010, p. 71), ao comungar com os apontamentos do sociólogo, aponta para o fato de que “no Brasil, por exemplo, falar de meio ambiente significa, antes de tudo, lutar para o equacionamento de graves problemas sociais que tão marcadamente caracterizam o espaço geográfico nacional” e continua a refletir, explicando que os problemas sociais se tornam ameaçadores à paz social (e atuam na degradação paisagística dos lugares) quando se observa as estatísticas e intensidade da criminalidade, violência, delinquência, corrupção, favelamento, mortalidade infantil, desemprego/subemprego, distribuição de renda, habitação, escola, alimentação, lazer etc. e questiona: como falar de meio ambiente em tais condições? Ou numa favela, para os “sem terra”? O que essas pessoas precisam resolver primeiro? Quais suas prioridades básicas, garantindo-lhes sobrevivência como uma das espécies constitutivas do ambiente?

Novas práticas sociais e políticas públicas apontam para um redimensionamento das relações entre sociedade e natureza. Todos os segmentos da sociedade organizada devem fazer parte destas, uma vez que nem a ciência, nem a escola, sozinhas, poderão resolver os problemas ambientais do planeta. A cultura popular, o conhecimento empírico (e minorias sociais) têm muito a contribuir para um mundo melhor. Os geógrafos e docentes da geografia escolar têm, sem dúvida, muito a contribuir na necessária mudança da produção do espaço geográfico e a garantia de boa qualidade ambiental. Para Ferretti (2010), a constatação de que a escola, e, por conseguinte, os professores, de todas as disciplinas, possam criar um campo de reflexão teórico-metodológica sobre o espaço vivido, sobre o ambiente e as ações humanas, mais próximo do real, aportam novas propostas de desenvolvimento, integrando ser humano/natureza, onde se insere definitivamente a Educação Ambiental, enquanto principal articuladora de uma teoria-ação.

AÇÕES AMBIENTAIS PEDAGÓGICAS

As Ações Ambientais Pedagógicas (Figura 1) são atividades realizadas nas escolas, planejadas e definidas coletiva e participativamente. Estas podem ser definidas a partir de um tema gerador, temática, questão e/ou problemática ambiental local, almejando a transversalidade e interdisciplinaridade. São atividades desenvolvidas no coletivo escolar, no decorrer do ano letivo, com possibilidade de participação e integração de todas as turmas e séries, coordenadas pela coordenação pedagógica com o apoio dos professores, comunidade escolar, entidades e empresas num trabalho de parceria. Seu diferencial está centrado na atividade prática, na ação e iniciativa do aluno, complementada nas atividades e em conteúdos das disciplinas de sala de aula e tarefas extraclasse. Nas ações ambientais, a proposição de atividades visa, dentre outros, desenvolver a observação, a sensibilização, reflexão, visão crítica e até a solução pontual e/ou proposição de possíveis soluções do problema abordado em longo prazo através de políticas públicas.



Figura 1 – Elementos conceituais de ações ambientais pedagógicas.
Fonte: Elaboração da autora, 2014.

O ponto alto dessas ações ambientais pedagógicas são as amostras culturais e de conhecimentos, feiras interdisciplinares e seminários realizados pelas escolas no final do segundo semestre, com apresentação para a comunidade de trabalhos desenvolvidos durante a execução das ações, bem como relatórios finais ou parciais e confraternizações, como parte de processo de ensino e aprendizagem numa dimensão de totalidade. Nestas é possível observar o comprometimento dos professores por meio de suas disciplinas para com as ações.

Partindo do pressuposto das ações ambientais pedagógicas descritas na pesquisas serem planejadas e implementadas coletivamente, seria óbvia a contribuição e o trabalho de todas as disciplinas. A pesquisa constatou que não existe equidade nesta abordagem transdisciplinar sobre o tema meio ambiente.

ACÇÕES AMBIENTAIS PEDAGÓGICAS *VERSUS* DISCIPLINAS ESCOLARES

No gráfico – 1 se observa as disciplinas que mais trabalham o tema meio ambiente, tanto em suas atividades de sala de aula como em conteúdos específicos, contribuindo com as ações ambientais pedagógicas desenvolvidas no coletivo escolar. Apresenta-se a seguinte realidade:

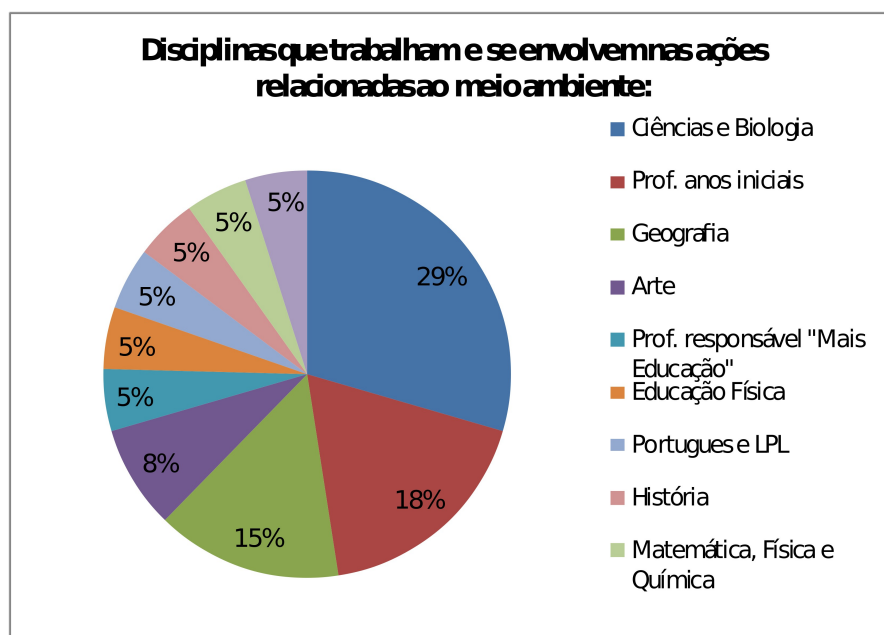


Gráfico 1 - Disciplinas que trabalham o tema meio ambiente.

Fonte: Elaboração da autora (2013).

As disciplinas que se destacam são Ciências e Biologia, com 29%, e nestas o tema meio ambiente é trabalhado de acordo com a dimensão ecológica; isso ocorre porque historicamente há uma aproximação entre os conceitos destas disciplinas e a temática ambiental. Nas orientações curriculares dessas disciplinas, os temas ambientais quase que se confundem com o próprio ensino destas, mas não devem apropriar-se dos mesmos como sua exclusividade.

Em seguida, o grupo que mais se destaca (18%) é o dos professores dos anos iniciais cuja formação acadêmica é Pedagogia. Estes trabalham e contribuem para a temática ambiental por meio das ações ambientais pedagógicas no coletivo e atividades de sala de aula, por conseguirem mobilizar seus alunos para participação nas atividades

propostas pela escola, e por serem responsáveis por todas as disciplinas (exceto Educação Física e Artes).

Em terceiro lugar, com 15%, aparece a Geografia, seguida de Artes - 8%, e sucessivamente outras disciplinas como Educação Física, Português, História, as Ciências Exatas do Ensino Médio e outras, cada uma com 5%. Pelas respostas apresentadas pelos coordenadores, observa-se que não são todas as disciplinas que trabalham ou se envolvem transversalmente nas ações propostas pela escola sobre o tema meio ambiente ou temas correlatos. São as disciplinas com conteúdos e conceitos afins com a temática que mais contribuem para as ações desenvolvidas

Das escolas pesquisadas, 5%, ou seja, três delas mencionaram que implantaram o programa “¹Mais Educação” no ano de 2013, e os professores responsáveis pelas atividades oferecidas em forma de oficinas, no contra turno, trabalharam questões ambientais. Dentre estas se destaca a escola n. 5, onde as turmas dos anos finais do Ensino Fundamental II eram os responsáveis pela manutenção da horta escolar.

De acordo com os PCNs, a educação para a cidadania requer que as questões sociais elencadas como urgentes e de abrangência sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para explicá-los, porém a transversalidade e interdisciplinaridade tal qual como foi proposta tanto pelos PCNs como pela Proposta Curricular de SC não foi constatada nesta pesquisa.

GEOGRAFIA ESCOLAR, PROFESSORES E A TEMÁTICA AMBIENTAL

Partindo do pressuposto das ações ambientais pedagógicas estudadas, serem planejadas e implementadas coletivamente, seria óbvia a contribuição e o trabalho de todas as disciplinas. Na seção anterior sobre as disciplinas, (Gráfico 1) ficou claro que não existe equidade nesta abordagem transdisciplinar sobre o tema meio ambiente. A Geografia,

¹Estratégia do MEC para a ampliação da jornada escolar e a reorganização curricular na perspectiva da educação integral para escolas públicas. As escolas optam em desenvolver atividades pedagógicas complementares, como educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação.

mesmo sendo eleita pelos PCNs como uma das disciplinas afins com o tema, na opinião dos coordenadores e diretores pedagógicos, ficou em terceiro lugar com 15%, dentre as que mais trabalham o tema meio ambiente. Os dados coletados tanto com os coordenadores ou diretores pedagógicos e professores que ministram a disciplina de Geografia (dentre os que participaram da pesquisa), demonstraram no conjunto, falhas ou limitações, dentre as quais, destacou-se o fato de: os professores de Geografia ver as ações pedagógicas desenvolvidas coletivamente, como algo a parte, fora do conteúdo da disciplina ou com mínimas possibilidades de relações. Não foram relatadas experiências ou práticas de docência significativas, que fizessem um diálogo entre as ações pedagógicas coletivas sobre as questões ambientais implementadas no coletivo escolar e os conteúdos da Geografia trabalhados em sala de aula.

Pelas observações feitas nas escolas, respostas dos questionários, atividades observadas nas amostras culturais e científicas, e coleta de dados secundários, diferentes variáveis podem contribuir para a realidade posta: professores admitidos em caráter temporário com sua formação acadêmica ainda em andamento, excessiva carga horária, complementação da carga horária em até três escolas, a não preparação durante a formação inicial (graduação) para trabalhar a trans/inter ou multidisciplinaridade, poucas formações continuadas, e a falta de fundamentação teórica no próprio curso de Geografia. Quanto ao última variável, faremos algumas considerações referente a habilitação dos que lecionam geografia.

Dentre os professores convidados a participar da pesquisa, um grupo de 21 professores responderam aos questionários entregues, e quando possível também conversaram com a pesquisadora sobre suas motivações na escolha da carreira e do curso, seus anseios, problemas e atividades desenvolvidas nas escolas. Quanto às habilitações o gráfico² representa os dados coletados:

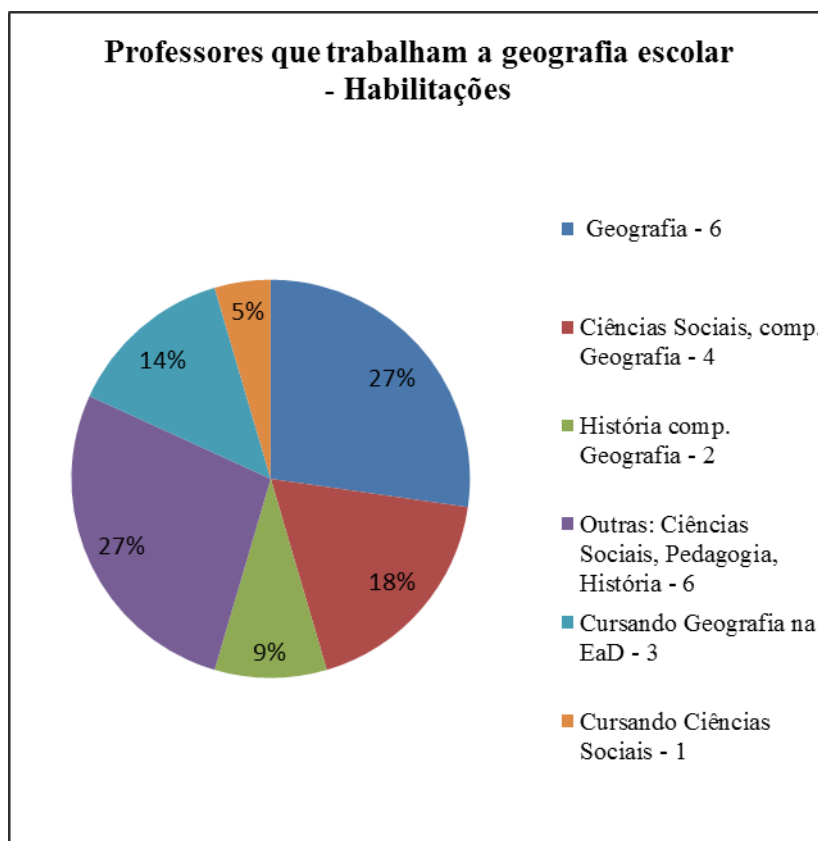


Gráfico 2 - Professores que trabalham a geografia escolar: Habilitações.

Fonte: Elaboração da autora, (2014).

De acordo com as respostas, dos 21 professores que participaram da pesquisa e que trabalham a geografia escolar, um grupo de 6, portanto, (27%), são habilitados só em Geografia, e destes apenas 4 responderam que frequentaram o curso numa universidade fora do Médio Vale do Itajaí, na modalidade de ensino regular, e, 2 destes frequentaram curso de geografia na modalidade a distância – EaD.

Um grupo de 4 professores (18%), cursaram inicialmente Ciências Sociais, com habilitação para história, geografia (ensino fundamental II – 6º ao 8º ano) e sociologia (ensino médio). Estes procuraram complementar seus estudos na geografia, para obtenção de habilitação (plena) para lecionar também para o ensino médio. Inicialmente graduados em História, 2 professores (9%), fizeram a complementação das disciplinas na licenciatura de Geografia. É importante salientar que não existia em Blumenau a oferta do curso superior em geografia, e apenas recentemente, tem-se oferecido a licenciatura de geografia na modalidade a distância, quando existe procura e possibilidade de composição de turma.

Um grupo de 6 professores, (27%), que leciona geografia escolar é habilitado em outras áreas como Ciências Sociais, História e Pedagogia e não fez menção à complementação em geografia ou possibilidade de habilitação plena para a mesma.

Dentre os que não possuem curso superior, mas estão cursando geografia – 4 pessoas, (18%). A educação a distância é a modalidade que permite trabalhar nas escolas do município e estudar ao mesmo tempo. (Um professor respondente afirmou estar cursando geografia concomitantemente com Ciências Sociais, por isto a soma das respostas que compõe o gráfico 2, fecha em 22).

Quando questionados sobre a contemplação ou inserção das questões ambientais no planejamento da disciplina da geografia escolar e, conseqüentemente, na prática de docência em sala de aula, as respostas sobre os temas, problemáticas e correlações feitas na disciplina foram positivas e diversificadas. O professor entrevistado “L” explicou que as questões ambientais estão presentes, mesmo que não bem escritas (no planejamento). Procurando não focar naquilo que já está batido, como os lixos ou resíduos sólidos, o professor explicou que faz relações como: o consumo exagerado, o consumismo desenfreado propagado pela indústria e o capitalismo e temas ambientais. A professora “K” explicou que os temas ambientais aparecem em vários conteúdos da Geografia, e que ela tenta trabalhar com a devida ênfase, em forma de pesquisas, trabalhos para apresentar e trabalhos concretos na prática. Já a professora “N”, admitida em caráter temporário, cursando Ciências Sociais, explicou que, na disciplina específica sobre o meio ambiente da graduação, foram discutidas e estudadas as catástrofes do vale do Itajaí, o que lhe deu subsídios para abordar o tema em sala de aula, tanto na Sociologia como na Geografia.

A professora entrevistada “C”, por exemplo, cursando a licenciatura de Geografia, com carga horária em duas escolas, respondeu desconhecer o PPP destas, e ações pedagógicas desenvolvidas coletivamente.

Pela lista de temas, problemáticas e correlações que podem ser feitas na disciplina de geografia escolar, percebeu-se que, no cotidiano escolar, a temática ambiental está presente, abordada dentre os conteúdos da Geografia, com limitações, pois nem sempre se parte das problemáticas locais para trabalhar o tema. As atividades restringem-se à utilização de recursos didáticos como vídeos, documentários ou reportagens da mídia impressa ou digital para estudar fatos e questões ambientais em escalas de análise mais amplas, distantes da realidade do aluno. Poder-se-á afirmar que são insuficientes, por não

focarem ou partirem do sentimento de pertença de alunos e professores em relação a seus lugares, e, por último, não se tem um trabalho em relação ao tema meio ambiente como processo, e sim pontual. A fala da professora “M” corrobora nesta análise: *“Há sempre campanhas municipais e estaduais, com folders sobre o meio ambiente, filmes, clips, revistas, jornais e livros didáticos. Utilizo o material que cabe a determinado tema”*.

As professoras entrevistadas “R” e “S” com formação acadêmica Pedagogia, lecionam para o 5ºano. Ambas participaram da pesquisa, por lecionarem dentre as outras disciplinas dos anos iniciais, geografia e vivenciarem no cotidiano escolar, dificuldades em relação aos conceitos da disciplina. No currículo dos anos iniciais, a possibilidade de práticas de docência privilegiando a multi e interdisciplinaridade decorre da proximidade dos componentes do currículo com os espaços vividos, com experiências concretas. Durante a formação inicial dos professores os fundamentos teóricos e metodológicos das disciplinas procuram proporcionar aos acadêmicos em formação, um conjunto de conhecimentos, que favoreça o desenvolvimento de práticas de docência. Nas respostas das professoras, foi na disciplina de **Metodologia do Ensino de Ciências** que tiveram orientações metodológicas e teóricas para trabalhar o tema **meio ambiente**, e não nas demais. Enfatizando que foram as saídas de campo que ficaram em sua lembrança. A professora “R” explica ainda: *“Durante a formação (básica e superior) lembro que as questões ambientais sempre foram trabalhadas na disciplina de Ciências. [...] A metodologia do ensino da Geografia não me marcou, foi trabalhada de forma tradicional”*. O curso de Pedagogia/habilitação para as séries iniciais foi concluído pelas professoras “R” e “S” em 2002 e 2003 respectivamente, quando os PCNs já haviam sido lançados e estavam sendo estudados.

Na experiência como professora, da educação básica (ensino fundamental II e médio), as atividades de ensino-aprendizagem continuam focadas nos conteúdos, seguindo o livro didático, e somente, esporadicamente, trabalha-se a transversalidade de temas e conceitos que se encaixam ou se relacionam com os conteúdos que integram um planejamento estanque e pouco dinâmico. Percebeu-se pelas respostas que as atividades e suas intencionalidades ainda ficam muito presas às reflexões, aos debates, à sensibilização através das aulas expositivas e leituras de materiais como livros didáticos, jornais e textos informativos da internet. O livro didático é apenas um dos instrumentos possibilitadores de

conhecimentos, mas estes conhecimentos só se materializarão, para a aprendizagem significativa quando contextualizados com aquilo que os alunos consigam estabelecer relações, com o que ele conhece, para poder produzir algo novo e transformador para a melhoria da qualidade de vida.

Contribuindo para práticas de docência e processos de ensino-aprendizagem significativos ou interacionistas, Nascimento, (2003) apresenta metodologia para o ensino com enfoque nas questões ambientais, na perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar. Utilizando recursos didáticos e geográficos, tais como: cartas topográficas, imagens aéreas e de satélite, maquetes, vídeos, teatro de bonecos, cartilhas, cartazes, faixas na mobilização da comunidade escolar a autora desenvolveu pesquisa partindo dos problemas locais para trabalhar conceitos da geografia, da educação ambiental e outras disciplinas. O sentimento de pertença ao espaço vivido é determinante para mobilização da comunidade para apontamento de soluções e/ou participação política dos cidadãos como atores sociais. Utilizando tal metodologia, as crianças e jovens passaram a serem coautores destes recursos didático-pedagógicos e geográficos e, a partir destas atividades, a comunidade escolar e de pescadores foi convidada para divulgação dos trabalhos, através dos quais, a comunidade teve acesso a informações, e conhecimentos. A mobilização gerou aprendizagens significativas e de acordo com os princípios da Educação ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decorridos 15 anos, tanto dos PCNs, como da PC/SC, a presente pesquisa constatou que o tema meio ambiente está presente nas escolas estaduais do município de Blumenau, através de atividades relacionadas à conteúdos de disciplinas e/ou ações ambientais pedagógicas, desenvolvidas nas práticas de docência e coletivos escolares, algumas fazendo parte dos Projetos Político Pedagógicos e outras com planejamentos paralelos.

Dentre as disciplinas que mais trabalham as questões ambientais tanto em suas aulas da carga horária, quanto na interação com as ações ambientais pedagógicas desenvolvidas no coletivo escolar, estão Ciências e Biologia, pela proximidade e complementaridade dos conceitos dessas disciplinas, privilegiando a dimensão ecológica da temática ambiental. A

dimensão socioambiental, histórica, espacial e, portanto, econômica, social e política que deveriam ser abordadas pelas ciências humanas, em especial pela Geografia e História, não foram observadas. Não foram relatados trabalhos significativos e relacionados com a categoria lugar, ou estudos do meio, ou ações ambientais pedagógicas que integrassem problemáticas locais latentes, dentre os participantes da pesquisa.

No senso comum, dir-se-ia: Que é necessário abraçar a causa, entrar de cabeça, tomar para si... Em relação à temática ambiental nem sempre é possível observar tais atitudes por parte dos professores de geografia. Espera-se que o outro assuma, que o colega lidere, utilizando desculpas como cargas horárias excessivas, compromissos com outras atividades específicas de sua disciplina, ou outras tarefas, não menos importantes. Contribuindo, os materiais de apoio, livros paradidáticos e manuais explicativos de campanhas e programas sobre o tema, geralmente são direcionados pelos gestores quando estes chegam às escolas para os professores de ciências, biologia e pedagogos. Os professores de geografia poderão com certeza contribuir para a temática de forma significativa, uma vez que existe uma aproximação e complementaridade entre os conceitos específicos da disciplina e o meio ambiente na dimensão socioambiental e princípios da Educação ambiental.

As abordagens de questões ambientais ou problemáticas vêm a tona nos debates, na aula expositiva e nas atividades propostas, conforme os conteúdos (geografia escolar) em pauta, porém de uma forma tangencial e tênue. Percebeu-se que, quando na graduação das licenciaturas estes temas e conceitos foram trabalhados com ênfase através de leituras, pesquisas e saídas a campo, os profissionais em formação daquele momento, e professores no momento presente, conseguem realizar um trabalho pedagógico contemplando a transversalidade do tema meio ambiente, na direção da interdisciplinaridade.

Fatores limitantes como preocupação demasiada com os programas curriculares das disciplinas, a utilização quase que exclusivamente do livro didático como recurso, carga horária excessiva, pouco tempo para planejamento, formação inicial e continuada dos professores, material para subsidiar os professores para atividades diferenciadas, partindo dos conceitos do tema meio ambiente para chegar nos conceitos específicos das disciplinas, contribuem para a realidade observada. Reitera-se, assim, a importância da educação ambiental no presente e futuro, pois as crianças e os jovens devem ser sensibilizados sobre a necessidade de cuidar e ter atitude de respeito ao meio ambiente.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Rogério Lustosa. **O caos, a nova ciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Meio Ambiente e Saúde**. Temas transversais, III e IV ciclos. Secretaria de Educação Fundamental Brasília: MEC/SEF,1998.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: Meio Ambiente e Saúde**. Temas Transversais, I e II ciclos. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**. Ensaio sobre o ensino da Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008.
- _____. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.
- FERRETTI, Orlando Edinei. Pescadores artesanais: diálogos dos processos educacionais com o território e as paisagens. In.: PARANÁ. **Cadernos temáticos da diversidade: A alfabetização de jovens, adultos e idosos e os sujeitos da diversidade**. Secretaria do Estado da Educação, Superintendência da Educação, Departamento da Diversidade. Coordenação de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos. Programa Paraná Alfabetizado. Curitiba: SEED/PR, 2010.
- MARTINS, Rosa E. M. W. Reflexões sobre o processo formativo do professor de geografia. In.:CASTROGIOVANI, Antonio Carlos; TONINI, Ivane Maria; KAERCHER, Nestor André. **Movimentos no ensinar geografia**. Porto Alegre: Imprensa livre: Compassos, lugar-cultura, 2013.
- MENDONÇA, Francisco de Assis. **Geografia e meio ambiente**. 8. ed. 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.
- MENDONÇA, Francisco de Assis. Geografia socioambiental. **Terra livre**, São Paulo, v.1, n. 16, p. 113 – 132, 2001.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Meio ambiente e ciências humanas**. 4. ed ampliada. São Paulo: Annablume, 1994.
- MORGADO, José Carlos. Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades. **Ensaio: Avaliação de políticas públicas educacionais**. Vol. 19, n. 73, Rio de Janeiro out/dez. 2011.
- NASCIMENTO, Rosemy da Silva. **Instrumentos para a prática de educação ambiental formal com foco nos recursos hídricos**. Florianópolis: UFSC, 2003. Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação de engenharia de Produção e sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2003.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. (Org.). **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta curricular de Santa Catarina. Educação infantil, ensino fundamental e médio: Temas Multidisciplinares**. Florianópolis: COGEN, 1998.
- TARDIFT, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.